



Para Salinas, presidente do México, o acordo com os bancos credores fará o país crescer

Salinas diz que acordo mexicano é triunfo para países devedores

Cidade do México — O acordo fechado domingo pelo México para reduzir a carga de sua dívida externa é tanto um triunfo nacional como uma esperança para outras nações perseguidas pela dívida, disse o presidente Carlos Salinas de Gortari. "É a primeira vez na história que os bancos credores concedem uma redução da dívida do governo da magnitude alcançada na negociação mexicana", disse Salinas em uma mensagem transmitida em cadeia de rádio e televisão.

Salinas descreveu o acordo como um triunfo nacional e disse que satisfaz sua promessa feita em seu discurso de posse ao reduzir os pagamentos da dívida externa e reiniciar o crescimento no México. "É o término de uma das negociações financeiras mais difíceis, complexas e tensas da história do nosso país e o sistema financeiro internacional", afirmou Salinas.

AUSTERIDADE

Ainda que os benefícios exatos do acordo não serão divulgados até que cada banco em particular decida sua participação no plano, espera-se que a economia seja importante. "Com trabalho, ordem e disciplina o México pode deixar a

crise para trás. Este é um grande momento para o nosso país", disse Salinas. O presidente acrescentou que o impopular plano de austeridade que reduziu a inflação e inspirou a confiança dos credores permanecerá em vigência e lembrou aos mexicanos que a recuperação exigirá trabalho duro e tempo.

"Não vemos resultados espetaculares da noite para o dia. Não podemos pretender em tornar o êxito desta negociação em uma prosperidade imediata", disse Salinas. As primeiras reações no México, onde a dívida externa é uma preocupação nacional foram amplas e positivas. Inclusive, a oposição esquerdista que no ano passado pediu uma moratória, falou sobre o acordo.

A senadora Efigênia Martínez, do Partido Revolucionário Democrático, de tendência esquerdista, disse que estava claro que os credores internacionais se deram conta do potencial de violência existente nos países em desenvolvimento, como os assaltos ocorridos na Argentina e Venezuela no início do ano.

CRESCIMENTO

Empresários e economistas concordam com Salinas de que a redu-

ção da dívida permitirá que a economia cresça novamente e que este acordo servirá de exemplo para outras nações do Terceiro Mundo que sofrem com o peso da dívida externa. Ramón Saldana, do Centro de Pesquisas Econômicas da Universidade de Nuevo Leon, disse que o México poderá agora aumentar seus gastos nas áreas com educação, saúde e comunicações. "O México abriu o caminho e muitos outros seguirão seu exemplo", disse Juan Arturo Valenzuela, presidente da Federação Empresarial do Ocidente.

A importância do acordo assinado nos Estados Unidos foi marcada pela participação do secretário do Tesouro, Nicholas Brady, e pelo presidente da Junta da Reserva Federal, Alan Greenspan, nas negociações finais. Brady classificou o acordo como "um importante passo na implementação" do programa do governo do presidente Bush para a redução da dívida externa do Terceiro Mundo.

Salinas disse que as conversações com o presidente Bush e os dirigentes das outras nações industrializadas na cúpula de Paris no início do mês — foi um importante fator no resultado das negociações.